



As Eleições de 2018 e a democracia brasileira

2 As eleições gerais brasileiras de 2018 foram marcadas por um processo eleitoral polarizado e conturbado. Nelas, a direita e a extrema direita obtiveram uma expressiva votação tanto em nível federal como estadual, a maior desde o processo de redemocratização, inclusive ascendendo ao governo federal pela primeira vez na história a partir do voto popular.

Neste sentido, as eleições de 2018 foram um tanto *sui generis*, caracterizadas por diversas reviravoltas e polêmicas, mesmo antes do início do período de campanha eleitoral. Desde as jornadas de 2013, quando milhões de pessoas participaram de manifestações contra o então governo Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT) o cenário político brasileiro entrou em ebulição, resultando numa crescente polarização eleitoral que marcou as eleições no ano seguinte, nas quais a presidente derrotou o candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Aécio Neves, por uma pequena margem de votos. Nos anos seguintes, o cambaleante governo Rousseff, que então enfrentava uma recessão econômica, sofreu novos abalos diante das denúncias de corrupção apresentadas pela Operação Lava-Jato, que aprofundaram o clima de polarização política e resultaram num controverso processo de impeachment e ascensão do governo do vice-presidente Michel Temer, do então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

O novo governante fez um governo bastante distinto do anterior, implementando as políticas e as reformas propostas pelo candidato derrotado nas eleições anteriores, bem como foi notavelmente impopular, particularmente diante do elevado nível de desemprego e economia em dificuldades. Desta maneira, era perceptível que as próximas eleições seriam marcadas por um ambiente de forte polarização política, que se acirram após o juiz Sérgio Moro decretar a prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva em abril de 2018. Lula era até então pré-candidato pelo PT e favorito no pleito presidencial. O ex-presidente teve sua candidatura oficial lançada no início de agosto, porém ela acabou impedida por decisão do Supremo Tribunal Eleitoral. Diante desse revés, o PT lançou o ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, como candidato do partido.

No total, foram apresentadas treze candidaturas para as eleições presidenciais de 2018 e entre elas estava a do polêmico deputado Jair Bolsonaro, pelo então nanico Partido Social Liberal (PSL). Bolsonaro tinha uma longa trajetória como deputado federal pelo Rio de Janeiro, cargo que exercia de maneira contínua desde 1991, ainda que não tivesse expressão política relevante, fazendo parte do chamado baixo clero da casa. Ex-capitão do Exército e político populista de extrema direita, Bolsonaro teve uma trajetória marcada por mudanças partidárias, declarações controversas e discurso de ódio, incluindo apologia à tortura e a defesa da ditadura militar brasileira (1964-1985).

Em meio à crise econômica e política do Brasil, a candidatura de Bolsonaro despontou com força no início da campanha eleitoral, muito graças à aguda polarização vivenciada no país. Como estratégia eleitoral, o candidato do PSL fez uma campanha intensa utilizando redes sociais e mídias alternativas, já que dispunha de ínfimos 8 segundos de tempo de horário eleitoral. Essa estratégia acabou reforçada depois do atentado que sofreu no início de setembro, em Minas Gerais, o que de certa maneira favoreceu o candidato tanto por lhe conferir tempo de exposição adicional na mídia tradicional, uma imagem de auto sacrifício e também por impossibilitar sua presença nos debates presidenciais, onde apresentou dificuldades perante os demais candidatos.

Outro fator que fortaleceu a candidatura Bolsonaro foram os temas que pautaram o debate eleitoral, notadamente a corrupção, segurança pública e questões morais, que eram identificadas com as propostas conservadoras do candidato. Neste aspecto, sua candidatura empregou uma bem-sucedida campanha utilizando sobretudo as redes sociais e tratando justamente destes temas no formato de *memes*. Cabe ressaltar que esta propaganda foi bastante controversa, marcada pelas *fake news* especialmente em temas ligados aos direitos humanos, das mulheres (é relevante notar que o candidato tinha uma forte rejeição junto ao eleitorado feminino) e da população LGBT.

O fenômeno Bolsonaro, neste sentido, provocou consideráveis polêmicas, porém conseguiu êxito eleitoral, culminando em sua eleição à presidência em 28 de outubro de 2018. O sucesso político da direita se manifestou numa verdadeira onda neste momento, resultando na eleição de uma expressiva bancada do PSL e de candidatos do espectro conservador na Câmara, no Senado e também em nível estadual, tanto nas Assembleias Legislativas como governadores.

4

Neste dossiê da Agenda Política, apresentamos quatro artigos inéditos que debateram questões relacionadas ao conturbado processo eleitoral de 2018, analisando-o à luz de diferentes abordagens. O primeiro texto, de autoria de Fernanda Cavassana e Rafaela Mazurechen Sindorski, ambas da Universidade Federal do Paraná, é intitulado “Cobertura jornalística eleitoral em redes sociais on-line: as eleições de 2018 nas páginas de portais paranaenses” e avalia, a partir de uma abordagem estatística, como se deu o engajamento do público com a cobertura jornalística paranaense nas redes sociais, apontado que apesar desses veículos darem menos cobertura para as eleições majoritárias, essa temática gerou maior envolvimento do público.

O segundo artigo, de autoria de Joyce Martins, pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, chama-se “O protagonismo do público: Bernard Manin e a eleição presidencial de 2018”, que busca analisar as eleições e a atuação de grupos políticos de mulheres contra e a favor do então candidato Bolsonaro durante o pleito presidencial. Assim, a autora busca entender quais são os significados do feminismo para as eleitoras do candidato através de uma abordagem de análise de

discurso e perspectiva de gênero feita a partir do grupo do Facebook “Mulheres Unidas a Favor de Bolsonaro”.

Emanuel Freitas da Silva, professor da Universidade Estadual do Ceará, é o autor do artigo “Compartilhareis as fakes e as fakes me elegerão”: uma análise de *fakes news* anti-Haddad em redes sociais de católicos carismáticos”. Focando-se em grupos religiosos e sua militância antipetista, o autor busca analisar as imagens falsas produzidas contra o candidato da centro-esquerda e compartilhadas entre os grupos conservadores católicos, buscando destacar quais elementos visuais foram mobilizados a partir do imaginário cristão para assegurar o apoio deste segmento religioso ao então candidato Bolsonaro.

Por fim, temos o texto de autoria dos professores José Vitor Lemes Gomes e Jairo Barduni Filho, ambos da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulado “Comportamento Político e Questão de Gênero na eleição presidencial de 2018”, no qual buscam compreender as motivações de alguns eleitores de Bolsonaro para decidir seu voto considerando algumas declarações de cunho machista e homofóbica do candidato eleito. Empregando uma abordagem qualitativa baseada em oito entrevistas individuais, os autores concluem que essas frases tiveram pouca relevância na decisão do voto, uma vez que esse grupo de eleitores analisados baseou sua escolha a partir de um antipetismo, o desejo de mudança e o combate à corrupção.

Assim, fechamos nosso dossiê temático sobre as Eleições de 2018, cujos artigos analisam o pleito com diferentes ferramentas e abordagens metodológicas, discutindo questões do uso das redes sociais, as *fake news*, questões de gênero e polêmicas envolvendo o candidato eleito Jair Bolsonaro. Uma boa e proveitosa leitura a todos!

Equipe Editorial Agenda Política

<https://doi.org/10.31990/agenda.2019.2.0>